

Delinquência juvenil colectiva na Cidade da Praia: uma abordagem diacrónica¹

Redy Wilson Lima²

Nota introdutória

Este artigo pretende ilustrar as motivações dos grupos denominados *thugs*, apresentando os possíveis motivos da sua desmobilização iniciada no ano 2008 e a sua consequente redefinição a partir de uma resenha histórica do fenómeno da delinquência juvenil colectiva na Cidade da Praia pós-colonial.

Partindo dos finais dos anos oitenta, tentaremos apontar os diversos momentos de mobilização dos jovens em actos delinquentes suportados por grupos mais ou menos organizados, caracterizando cada um desses grupos nos seus diversos contextos temporais de actuação.

Apesar de os grupos de jovens delinquentes terem surgido antes dos anos de 2000, tomamos essa década como a mais violenta, no que concerne à delinquência colectiva na Cidade da Praia, com o aparecimento da figura social juvenil *thugs*, considerando este movimento como tendo incorporado a ideologia *thug life*, introduzida nos guetos negros norte-americanos nos anos de 1990 por Tupac Shakur³. Essa ideologia é transportada para o contexto cabo-verdiano pelos jovens deportados dos Estados Unidos de América e reforçada pelas novas tecnologias, num meio caracterizado por forte hibridiz social.

Por fim, analisaremos as respostas políticas dadas ao fenómeno da delinquência juvenil colectiva na Cidade da Praia, após a sua constituição como problema social e a consequente entrada na agenda política.

¹ Este artigo é resultado de uma investigação etnográfica iniciada em 2006 sobre as crianças em situação de rua na Cidade da Praia e aprofundado em 2007 na busca da compreensão dos motivos por detrás da mobilização dos jovens através de actos violentos colectivos.

² Investigador do Centro de Estudos e Pesquisas Avançadas da Universidade de Santiago.

³ *Rapper* e actor norte-americano nascido na zona Este de Harlem, Nova Iorque, conhecido ainda por 2 Pac, Pac ou Makaveli. Pac tinha a fama e nome de revolucionário. Era filho de pais ex-Black Panther Party, tendo vivido muito tempo com o padrasto, igualmente, um ex-membro desse movimento partidário. Nas suas letras falava do nacionalismo negro, igualdade e liberdade. Viveu uma vida violenta contra o sistema social norte-americano e foi assassinado em 1996 por um atirador desconhecido, diz-se fruto dos “bifes” com o rival Notorious BIG. Mudar para nota da primeira vez que referes ao Tu Pac

1. Os “piratinhas” e os netinhos de vovó (finais dos anos oitenta /início dos anos noventa)

A palavra *thug*⁴ só entrou no vocabulário praiense no início dos anos de 2000, mas a organização colectiva da violência juvenil com *modus operandi* específico teve início nos anos de 1990, embora com pouca visibilidade.

Antes, na década de oitenta, as maiores dores de cabeça da população e forças judiciais tinham a ver com as acções dos chamados “piratas”⁵. Mais tarde, no início dos anos noventa⁶, grupos de jovens residentes na linha Achada Grande Frente/Lém Ferreira auto-denominaram-se “netinhos de vovó”⁷, semeando o pânico no seio da população praiense.

Lamentavelmente, não há estudos sobre estes dois fenómenos, no entanto, apesar dessa lacuna, a partir de testemunhos de alguns ex-membros do grupo “netinhos de vovó” e daqueles que conviveram com eles, podemos afirmar que pela forma como se organizaram e agiram, devem ser considerados como sendo o primeiro grupo juvenil especializado em violência colectiva na Cidade da Praia. Tal como acontece hoje com os *thugs*, na altura, qualquer situação criminal onde os jovens se afiguravam como actores principais, o nome “netinhos de vovó” era automaticamente mobilizado. Os ex-membros do grupo com os quais conversámos afirmaram que a maioria dos actos delinquentes a eles imputada foi perpetrada por indivíduos alheios ao grupo.

⁴ Como são denominados os *gangs* juvenis da Cidade da Praia.

⁵ O termo “pirata” que significava bandido era utilizado para designar os indivíduos que ganhavam a vida furtando na via pública, normalmente usando a técnica do esticão após a escolha das vítimas. Apesar de agirem individualmente conhecia-se situações em que grupos eram constituídos, embora, mal organizados, pouco coesos e sem qualquer tipo de hierarquização. Raramente recorriam à violência nas suas acções, procurando actuar mais na base da oportunidade.

⁶ O núcleo duro do grupo ter-se-á formado nos finais dos anos de 1980, mas o grupo ganha visibilidade e temor social no início dos anos de 1990, através dos relatos de quem afirmara ter sido assaltado por eles. Inúmeros relatos dão conta da violência com que actuavam, assaltando com recurso a armas brancas e violando as suas vítimas independentemente do sexo. Oficialmente, estes testemunhos nunca foram confirmados pelas forças judiciais e, para muitos, tais histórias não passavam de mitos urbanos.

⁷ Esta denominação é explicada segundo duas versões diferentes, uma relacionando-os ao estilo *rude boy* jamaicano patente no grupo *reggae* com o mesmo nome surgido na Cidade da Praia nessa época. A outra refere-se a uma determinada idosa que mantinha uma relação maternal com esses jovens a quem chamavam de vovó e para quem “trabalhavam”.

A partir de 1993/1994, começou-se a notar, nas principais artérias da cidade, a existência de grupos de crianças denominadas “crianças de rua” ou “piratinhas” aparentemente bem organizados e especialistas em actividades ilícitas (Lima, 2008). O programa do II Governo Constitucional da II República (1996) refere-se a este facto no ponto alusivo a crianças e o compromisso com o futuro de Cabo Verde 1995/2000, onde salienta que um dos principais problemas enfrentados pelas crianças cabo-verdianas é a pré-delinquência⁸. Considera crianças e adolescentes pré-delinquentes aqueles cujos comportamentos se desviam da norma, isto é, aqueles que tenham manifestações comportamentais consideradas negativas, vivendo e sobrevivendo nas ruas, embora com contactos esporádicos com a família com quem, de vez enquanto, partilham o resultado dos delitos. De entre as actividades criminosas cometidas por eles, segundo o documento, apontavam-se furtos, burlas, assaltos, uso de álcool, iniciação à droga e são referenciados como muito agressivos e intolerantes. O documento menciona também a utilização dessas crianças por delinquentes adultos na prática de delitos, devido à sua situação de inimputabilidade. Em 2007, muito tempo depois desse documento ter sido elaborado, verificámos no decorrer de uma investigação etnográfica sobre os modos de vida das crianças em situação de rua, na Cidade da Praia, que essas práticas ainda persistem, na medida em que, reparámos que algumas delas eram utilizadas no transporte de drogas, assaltos a residências e a estabelecimentos comerciais. Como referido anteriormente, a inimputabilidade dessas crianças - apesar da lei caboverdiana prever a responsabilidade criminal de indivíduos dos 12 aos 16 anos, na prática isso não se aplica - e a sua constituição física (pequenas e magras) facilitavam a sua penetração em espaços reduzidos, tornando-as atractivas para os adultos infractores (Lima, 2008). Ao invés de outros países, entre os quais o Brasil, nos quais se transitou do termo menor infractor ou crianças de rua para crianças em situação de rua⁹, como forma de mudar o foco da culpabilização da criança ou do adolescente, visto como perigoso, para a compreensão das causas estruturantes que o levaram à rua; em Cabo Verde, continuava-se a utilizar termos estigmatizantes, marginalizando ainda mais essa população.

⁸ Os outros problemas apontados são: maus-tratos, prostituição infantil e abuso sexual, consumo de drogas e de álcool, trabalho infantil, a sua utilização para práticas anti-sociais, orfandades, deficiência motora e entregues a terceiros para sua educação.

⁹ Esta evolução terminológica chegou a Cabo Verde em 2005 pelas mãos dos antropólogos José Carlos Gomes dos Anjos e José Carlos Moniz Varela.

2. Reacção dos jovens deportados norte-americanos e a constituição dos primeiros grupos *thugs* (segunda metade dos anos noventa/início dos anos de 2000)

A segunda metade dos anos noventa foi marcada por novas formas de assalto nas ruas - mais aprimoradas - e abordagens mais violentas¹⁰. Pelo facto de muitos assaltos serem feitos usando expressões em inglês, os jovens deportados dos Estados Unidos da América afiguraram-se como os principais suspeitos e inimigos sociais ganhando assim novos estigmas. Desta feita, o foco da preocupação deixa de ser as ditas “crianças de rua” para passar aos denominados “merkanus”¹¹, ainda mais numa época em que alguns indivíduos suspeitos de estarem envolvidos no tráfico internacional de estupefacientes começaram a ser sumariamente executados em acções dignas de cenas cinematográficas de outras realidades.

Não existem muitos estudos sobre os emigrantes deportados e segundo Cabral (cit. in Carvalho e Sá, 2007), há uma enorme discrepância nos números oficiais. Enquanto os relatórios anuais da Direcção de Emigração e Fronteiras de Cabo Verde (DEF), o Instituto de Apoio ao Emigrante (IAE) e a lista da Embaixada de Cabo Verde nos Estados Unidos da América apontam para mais de mil expulsões de cidadãos cabo-verdianos entre 1987 a 2007 por motivos diversos, o Instituto das Comunidades dá conta de apenas 260 retornados ao longo desse tempo.

Desde a década de oitenta que o país se vem debatendo com o problema das deportações e segundo Cabral (cit. in Carvalho e Sá, 2007), os deportados são essencialmente oriundos da Europa, seguida dos Estados Unidos da América. A falta de documentos é apontada como sendo a principal causa da expulsão dos imigrantes, após o tráfico de drogas, porte ilegal de armas, homicídios, agressão, violência sexual, vandalismo, violência doméstica, pequenos furtos e assaltos à mão armada.

¹⁰ Na maioria dos assaltos até então realizados utilizava-se quase sempre armas brancas e, raramente, os assaltantes agrediam as suas vítimas após a sua materialização. O termo *cash or body* era frequentemente utilizado nesses assaltos, tendo sido mais tarde criouliizado e incorporado no vocabulário de rua como “kasubodi”.

¹¹ Expressão utilizada para designar o indivíduo proveniente dos Estados Unidos da América, quer seja deportados, emigrantes ou naturais daquele país.

Quadro sinóptico dos deportados dos Estados Unidos da América (1987/2006)¹²

Período	1987/1991	1992/1996	1997/2001	2002/2006	Total
Estados Unidos da América	1	2	18	47	
	2	12	25	32	
	3	17	94	22	
		11	44	20	
		9	35	28	
Total	6	51	216	149	422

Fonte: Relatórios anuais das DEF, IAEP, Embaixada de Cabo Verde nos Estados Unidos da América. Cabral (2007) citado por Carvalho e Sá (2007)

A partir do ano de 1987, começaram a chegar ao país indivíduos deportados dos Estados Unidos da América, na sua maioria jovens. Isto sem falar daqueles que a família enviava por um período ilimitado, como forma de evitar possíveis expulsões e consequente interdição de reentrada naquele país norte-americano. Como se pode ver pelo quadro acima apresentado, as deportações atingiram o seu máximo na segunda metade dos anos noventa/início dos anos de 2000, levando alguns estudiosos (Cabral cit in Carvalho e Sá, 2007) a culpabilizá-los pelo surgimento daquilo a que chamam factos sociais negativos (roubos, assaltos, violações, etc.). No entanto, torna-se forçoso evidenciar que nesse mesmo período chegou ao país um número considerável de indivíduos deportados de países como Portugal, França ou Holanda (Cabral cit in Carvalho e Sá, 2007) por crimes relacionados com o tráfico de drogas ou falta de documentos.

A questão que se coloca é a seguinte: de que forma esta vaga de deportados pode (ou não) ter influenciado a criminalização dos “merkanus”? Por um lado, poderá ter existido uma importação considerável de “expertise” em matéria de técnicas criminais ou violentas: muitas deportações dos Estados Unidos da América deveram-se a crimes violentos como assaltos à mão armada ou homicídios ligados aos *gangs* suburbanos. Por outro lado, estas pessoas trouxeram novas atitudes, formas de estar, de vestir e de comunicar. Comunicavam entre si em inglês recorrendo a calões usados nos espaços suburbanos norte-americanos e tinham um estilo *thug* de se vestir¹³, reproduzindo o imaginário do jovem delinquente norte-americano no espaço social cabo-verdiano,

¹² Convém salientar que nem todos os indivíduos deportados cometeram crimes violentos.

¹³ Roupas largas acompanhadas por acessórios como bonés, lenços, fios e brincos volumosos, etc.

conhecido apenas dos filmes de Hollywood e vídeos de *hip hop*, produzidos nos Estados Unidos da América.

É de salientar o facto de que a maioria dos jovens expulsos dos Estados Unidos da América se fixou, num primeiro momento, nas regiões de origem dos pais, junto dos familiares. A adaptação ao meio nem sempre é fácil, visto que esses jovens foram socializados nos Estados Unidos da América, país para onde emigraram com os pais ainda crianças. Para Laranja e outros (cit in Carvalho e Sá, 2007), a assimilação dos valores, comportamentos e modos de vida dos países de destino dificultam a integração dos indivíduos quando regressam; as diferenças culturais existentes entre os nacionais e os repatriados dificultam ainda mais a convivência.

A maioria dos deportados é originária das ilhas do Fogo e da Brava, ilhas conhecidas apenas através de histórias contadas pelos pais e familiares, onde predomina um tipo de solidariedade baseada no controle e princípios comunitários, em que todos se conhecem, onde o tempo passa lentamente. Acostumados a um estilo de vida mais intenso e frenético, depressa deixam essas pequenas ilhas para trás, aventurando-se na Cidade da Praia, espaço que se aproxima mais daquele deixado no país, outrora de acolhimento. Numa sociedade com características individualistas e longe dos familiares mais próximos, experimentam novas formas de martírio social¹⁴, em parte análogos àqueles sentidos na sociedade norte-americana.

Vítimas de discriminação étnica e social nos Estados Unidos de América, embora camuflada; em Cabo Verde, devido à informação social que passam devido à sua forma de estar na sociedade, acabam por cair nesta mesma situação. Por não irem ao encontro dos comportamentos esperados pelo grupo dominante, desrespeitando as normas que não interiorizaram por terem sido socializados noutro contexto, são postos de lado e considerados como um grupo perigoso. Para Becker (1985), quando situações deste tipo acontecem, isto é, a partir do momento em que uma sociedade representa um grupo específico como desviante – qualificando-o de delinquente, neste caso concreto – está a contribuir para a respectiva realização/concretização.

É a sociedade quem define a categoria de desvio através de um olhar estigmatizante. Segundo Rodrigues (1997: 48), “a identificação de um grupo com um estigma decorre das imagens construídas dos seus atributos ao longo dos processos de interacção entre os seus membros e os de outros grupos”. Eles são tidos como o mal e inimigos a abater

¹⁴ Novas formas de discriminação.

para a preservação da sociedade convencional e cumpridora da lei, cabendo à comunicação social o papel de desencadear uma campanha contra esses desviantes, fazendo com que uma parte significativa da sociedade esteja profundamente convencida de que determinados fenómenos representam uma ameaça real aos seus valores e à sua segurança e existência colectiva.

Neste contexto, a formação de *gangs* aparece como uma estratégia de sobrevivência e a carreira delinvente consolida-se a partir das oportunidades existentes numa sociedade onde a economia subterrânea, nomeadamente o tráfico de droga, dita as regras. Tornam-se presas fáceis dos narcotraficantes que rapidamente os recrutam e os usam como “matadores profissionais”. Prova disso foram as inúmeras mortes selectivas relacionadas com ajustes de contas entre indivíduos ligados ao narcotráfico, que tiveram início nesse período.

É de notar que os primeiros grupos, conhecidos mais tarde por *thugs*, apareceram nos finais dos anos de 1990, e inicialmente eram constituídos apenas por jovens deportados dos Estados Unidos da América. Poder-se-á dizer que tendo vivido ou conhecido a realidade dos guetos norte-americanos e tendo caído numa situação de segregação e de exclusão social em Cabo Verde, o agrupamento e a reprodução no contexto praiense de realidades vividas nos bairros periféricos das cidades norte-americanas¹⁵ torna-se forçoso. Inicialmente, esses *gangs* eram grupos muito fechados e localizados em bairros específicos.

Eram poucos os jovens socializados no contexto cabo-verdiano com acesso a esse meio. Alguns ex-netinhos de vovó interagiram com eles nos bairros de Achada Grande Frente e Lém Ferreira, ouvido histórias da vivência *gang* nos Estados Unidos de América, histórias essas reproduzidas depois para os mais novos, que viam os jovens deportados como autênticos heróis urbanos. É de realçar que muitos deportados tentaram consciencializar os mais novos que a vida bandida, da forma como existe actualmente nos Estados Unidos da América, não seria a melhor solução para a resolução os seus problemas e os da comunidade.

Embora havia mais do que um grupo de jovens deportados a reproduzir a cultura *thug* no espaço social praiense, raramente havia problemas entre eles e o elemento mais forte dessa união era o facto de terem sido expulsos do país que os acolheu na saga migratória familiar. Portanto, não havia territorialização de espaços. Segundo relatos de alguns

¹⁵ Embora falemos de grupos/*gangs* formados por deportados, convém notar que muitos deles agiam individualmente, mais concretamente os “matadores profissionais”.

deportados e de alguns jovens que privaram com eles, os problemas começaram a surgir quando grupos rivais de narcotraficantes cabo-verdianos começaram a contratar os seus serviços como seguranças em transacções de estupefacientes e/ou como matadores.

Estas duas situações colocaram-nos em lados opostos e, então, começaram a surgir os primeiros confrontos entre eles. O refúgio foi o bairro onde residiam e como protecção começaram a recrutar jovens do bairro, desesperados e revoltados com as condições sociais em que se encontravam. O recrutamento foi fácil na medida em que muitos estavam extasiados com as suas histórias e o seu estilo de vida. A desterritorialização dos grupos para outros bairros aconteceu no início do ano 2000¹⁶, devendo-se, por um lado, à imitação de um estilo de vida novo e admirado e, por outro lado, à necessidade de defesa contra grupos de outros bairros ou do mesmo bairro que foram surgindo. É de frisar que o nome pelo qual esses jovens passaram a ser conhecidos e temidos só entrou no vocabulário praiense por volta do ano 2003.

3. Consolidação da cultura *thug* (2003/2007)

Este foi, sem dúvida, o período em que a violência urbana atingiu maiores proporções, tornando-se num efectivo problema social. As execuções selectivas aumentaram e a sociedade praiense depara-se com o surgimento de uma nova figura social: os *thugs*. A consolidação dos grupos *thugs* deu-se quando jovens excluídos, residentes nos bairros periféricos, revoltados com a situação social em que se encontravam, se juntaram aos *gangs* chefiados por deportados e/ou formaram os seus próprios *gangs* como defesa de um eventual ataque. Em alguns casos, os grupos surgiram devido à fama conquistada pelos *thugs* e à admiração que muitas jovens do sexo feminino nutriam por esta nova figura social.

Tal como no caso dos deportados esses jovens encontravam-se desafiliados. O conceito de desafiliação aqui mobilizado, não implica um completo desligamento do social, visto que, apesar de estarem num processo de descolectivização face a uma parte da sociedade, formam novos grupos sociais, ou seja, rapidamente buscaram estratégias de sobrevivência no bairro, juntamente com outros jovens na mesma situação social, entrando num processo de recolectivização à margem das convenções sociais.

¹⁶ Neste período havia relatos de actividades de grupos delinquentes em quase todos os bairros da capital. No início, apenas havia um grupo por bairro mas desavenças entre os seus membros e os “bifes” (disputas entre os MC’s usando palavras provocativas e estigmatizantes) individuais e territoriais entre os grupos *gangsta rap* que foram aparecendo nas zonas periféricas da cidade contribuíram para o aparecimento de vários grupos num único bairro.

A cultura de rua interiorizada nos bairros, primeiramente, através da convivência com os grupos de jovens deportados dos Estados Unidos da América e, posteriormente, através daqueles que evidenciavam largas experiências de rua, assemelha-se àquilo que Bourgois (2001) identificou como sendo um conjunto de redes, símbolos e crenças complexas e conflituosas de modos de interacção específicos e de valores e ideologias emergentes, em oposição à exclusão promovida pela classe dominante. A rua funciona como um fórum alternativo onde se pode afirmar a dignidade pessoal autónoma. Acabam por desenvolver uma cultura de resistência caracterizada por diversas práticas de revolta que, com o passar dos tempos, se consolida num estilo de vida marcado pela oposição, seguindo assim, uma vida exclusivamente delinquente. Assim, optam por uma carreira delinquente¹⁷ que se processa através da manutenção, durante um longo período de tempo, de uma forma determinada de delinquência – de revolta – fazendo dela o seu modo de vida (Lima, 2010).

Respondendo à questão posta por Roque e Cardoso (2008) relativamente ao facto da participação dos jovens na violência colectiva ser ou não impulsionada por uma agenda política própria pode-se afirmar que no contexto praiense, os grupos *thugs* observados agem como uma força de oposição contra o sistema (político, social, económico e ideológico), reivindicando melhores condições de vida para os grupos dominados e marginalizados – do qual fazem parte. A participação dos jovens neste movimento é, tal como observa Abdullah (cit in Roque e Cardoso, 2008), muitas vezes, tomada como um emprego ou um meio de afirmação pessoal e social.

Se é verdade que as histórias contadas pelos jovens deportados dos Estados Unidos da América os influenciaram, os filmes brasileiros tais como “Cidade de Deus” ou “Cidade dos Homens”, a telenovela brasileira “Vidas Opostas”, os filmes norte-americanos onde se destaca “Shottas” e os vídeos e as músicas *gangsta rap* fizeram o resto. Sentem-se na pele desses personagens, tendo em conta que se vêem nas mesmas condições sociais. Tal como os bandidos fictícios dos filmes e telenovelas e os personagens das músicas *rap*, vivem numa sociedade desigual, espacialmente desorganizada, individualista, onde a riqueza simboliza o *status* social. São discriminados e criminalizados pela população em geral e pelas forças policiais em particular, devido ao acantonamento a que estão

¹⁷ A carreira delinquente começa a partir do momento em que um determinado indivíduo comete uma transgressão de forma intencional, ou seja, quando realiza um acto não conformista que quebra uma regra ou um conjunto de regras.

sujeitos nos bairros periféricos. Têm fácil acesso a armas de fogo e não têm nada a perder.

A expressão *thug* ou *thug life*¹⁸ tomada de empréstimo ao *rapper* norte-americano Tupac Shakur representa o modo de vida de sobrevivência do jovem negro nos guetos norte-americanos. Surge para designar jovens ou grupos de jovens com estilos de vida particulares, tribalizados¹⁹ e desalinhados das condutas dominantes. Tal como nos Estados Unidos da América, a expressão consolida-se à volta dos grupos *gangsta rap*²⁰ que foram surgindo um pouco por todos os bairros. Os primeiros grupos *thugs* formaram-se, portanto, à volta desses grupos musicais fazendo com que as cenas de violência comesçassem a surgir como resultados dos “bifes”²¹ individuais e territoriais protagonizadas pelos MC’s²². Constata-se que os nomes dos grupos *thugs* eram os mesmos dos grupos *gangsta rap* da zona ou dos amigos/grupos de pares aos quais prestavam o serviço de guarda-costas nas deslocações às actividades culturais em que eram convidados protegendo-os dos grupos rivais com os quais tinham “bifes” (Lima, 2010).

Para além dos “bifes” contra grupos e/ou bairros considerados inimigos, as letras dos *gangsta rappers* denunciam a corrupção social e política, a violência policial, a desigualdade social, a hipocrisia social, o desprezo pelos X9²³, a pobreza e a apatia social. Esta denúncia funciona como um grito de revolta e uma chamada de atenção à sociedade para a situação vivida nas periferias da cidade. É, também, através da música *rap* que o código *thug life*²⁴ era reproduzido aos mais novos e era necessário que todos o

¹⁸ Foi o nome de um movimento social desvinculado das ONG criada por Tupac Shakur com o objectivo de diminuir a violência juvenil nos guetos pobres norte-americanos. Foi criado um conjunto de condutas, uma espécie de mandamento/regulamento *thug*, estabelecendo o que os *gangs* poderiam ou não fazer nas comunidades.

¹⁹ Tomo aqui a noção de tribos urbanas para os designar como um micro-grupo juvenil, com identidades semelhantes e interesse comuns, ligados pela música rap e comportamentos violentos, baseados em relações carregadas de afectividade e, mas ténues.

²⁰ É um subgénero do *rap* que tem como característica a descrição do dia-a-dia violento dos jovens negros desafiados das grandes cidades norte-americanas.

²¹ Disputas entre os MC’s usando palavras provocativas e estigmatizantes.

²² Mestre-de-cerimónias. Considerado um poeta lírico na subcultura *hip hop*.

²³ Expressão importada da realidade das favelas brasileiras que significa a pessoa que passa informação às forças judiciais, isto é, “chibos”. Nota-se que muitos jovens misturam expressões importadas do quotidiano dos bairros desafiados norte-americanos com as usadas nas favelas brasileiras. Neste último caso, as telenovelas brasileiras, muito apreciadas em Cabo Verde, funcionam como veículo de transmissão de modos de pensar e estar outros.

²⁴ O contrato é baseado na palavra, portanto, há que honrá-lo; eliminar os X9 porque põem em causa a coesão do grupo; respeitar o grupo porque ele é tudo o que importa; roubar na zona e atacar membros da comunidade é ir contra o código; sequestrar crianças ou usá-las no tráfico é ir contra o código; vender drogas às grávidas é considerado infanticídio; não se pode traficar nas escolas; fazer segurança

interiorizassem. Os membros tinham de ter consciência que teriam dinheiro à sua disposição, que seriam presos e que morreriam nas ruas.

Vivem o momento baseado numa lógica do não-compromisso, valorizando o “aqui-agora” (Coutinho cit in Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003), agrupados em associações semi-estruturadas, constituídas predominantemente por pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos de cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazeres típicos de um espaço-tempo (Maffesoli cit in Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003). Dito de outra forma, os grupos *thugs* apresentam características de tribos urbanas em que cada situação apresenta uma estabilidade vivencial intensa que muitas vezes não deixa rastros para as experiências seguintes. A violência é vivida intensamente em grupo, adoptam estilos incorporando três elementos – a imagem, o porte e o uso do calão (Brake citado por Xiberras, 1993) - que, acrescentados às especificidades das tribos urbanas na busca da identidade grupal, reproduzem uma informação social de *thug*. Verificou-se que há um interesse numa auto-apresentação performativa: a música *rap* funciona como um dos elos de ligação entre eles; existe um cuidado com a auto-imagem - calças e *t-shirts* largas, fios e brincos volumosos, lenços e/ou bonés postos de lado, tatuagens; nota-se uma preocupação com o porte, uma vez que o corpo é utilizado como um lugar de identidade, de expressão e causador de medo; o uso frequente de calão usado nos *ghettos* norte-americanos e/ou a criouliização de expressões inglesas tal como *kasubodi*; e a adopção de condutas de agressão e destruição com efeitos dramáticos sobre si mesmos e sobre a sociedade (Lima, 2010).

No que toca à hierarquização dentro dos grupos, constata-se que os critérios são a idade, a capacidade de convencer os outros, a posse de armas de fogo, a agressividade, a bravura, a experiência delinquente e o cadastro policial. Os grupos costumam ter em média 14 elementos com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos aproximadamente. De salientar que os grupos *thugs* ou os *thugs*²⁵ mais temidos eram aqueles que possuíam um maior arsenal bélico e a hierarquia bélica dos grupos é

na comunidade, protegendo-a da polícia, que é vista como “pau mandado” das classes dominantes; identificar bem o inimigo para evitar danos colaterais; respeitar os mais velhos porque representam a sabedoria; disputas territoriais dentro dos bairros devem ser tratadas com profissionalismo e as desavenças deverão ser resolvidas fora da comunidade; evitar tiroteios em festas e outros espaços de convivialidade; o *thug* tem de ser esperto, tem de conhecer o código, respeitá-lo e deve proteger-se sempre, ou seja, andar armado.

²⁵ Possuir ou não arma de fogo e o tipo de arma possuído é um elemento importante para ser chefe ou para a subida de posto dentro do grupo, o que mostra a excessiva cultura de arma de fogo no seio dessa comunidade.

dividida da seguinte forma: primeiro, as armas de fogo industriais tais como 6.35, 32, 38 ou revólver; em segundo lugar, as armas artesanais onde se destaca o *boka bedju*²⁶; e por último, as armas brancas tais como facas, machados, tacos de baseball, etc. (Lima, 2010).

4. Redefinição do fenómeno *thug* (2008/2010)

Se tomarmos o período 2003/2007 como a etapa de consolidação dos grupos *thugs* na capital, o período 2008/2010, nomeadamente Dezembro 2009/Janeiro 2010, marca a viragem do fenómeno da delinquência colectiva juvenil na Cidade da Praia.

Com o aumento da repressão policial²⁷, das prisões e das mortes²⁸ resultantes dos confrontos entre grupos rivais e contra as forças policiais, alguns *thugs* começaram a abandonar os grupos, indo em busca de novas formas de reivindicação social. A diminuição da popularidade desses grupos nas comunidades poderá igualmente ter contribuído para esta situação. Na verdade, muitos membros estavam cansados dos confrontos, sentimento este patente num dos elementos do grupo “The Wolf Gang” da Achada Grande Trás, que exprimiu, em Abril último, a sua satisfação e alívio por a paz ter finalmente chegado àquele bairro depois de seis anos de “guerra”²⁹.

É importante não esquecer que, durante muito tempo, eram os *thugs* que asseguravam a segurança dentro dos bairros e, não obstante o olhar exterior negativo sobre esses bairros e os jovens desafiados que aí habitam, associado à estigmatização negativa dos mesmos pela comunicação social, entre os mais novos e a população jovem feminina um jovem *thug* era tido como um herói. Alguns ex-membros chegam mesmo a dizer que só não largaram a “vida bandida”³⁰ mais cedo devido às mulheres, tendo em conta que antes dificilmente conseguiam namoradas, mas depois, com o baptismo *thug*, namoradas era o que não faltava. Para as crianças e jovens desses bairros, os *gangs* funcionavam como modelos de inserção e afirmação pessoal e social e, nalguns casos, funcionavam como um meio de coesão comunitária. A violência característica desses

²⁶ Arma artesanal fabricado a ilha de Santiago a partir de ferro e metal.

²⁷ Uso da polícia militar (PM) na patrulha dos bairros considerados mais problemáticos, principalmente à noite.

²⁸ Não há dados sobre o número de *thugs* mortos entre os anos 2003 e 2010, mas com base nas histórias dos *thugs* e das conversas com a polícia podemos afirmar que ultrapassa as duas dezenas. O número de *thugs* feridos com alguma gravidade nos confrontos ultrapassa as duas centenas.

²⁹ Designam as lutas entre grupos rivais como guerras ou *fighths*.

³⁰ Significado da expressão, tornado mundialmente popular por Tupac Shakur, *thug life*.

grupos transforma-se naquilo que Roque e Cardoso (2008) classificam como uma estratégia organizada de sobrevivência ou de afirmação de grupos de jovens.

Já em 2007, alguns dos primeiros *thugs* com os quais conversámos queixavam-se da perda de carga filosófica e ideológica e do pendor político que marcaram o movimento na primeira metade dos anos 2000. Classificavam os jovens que se auto-intitulavam *thugs* como “projectos *thugs*”, ou seja, indivíduos que se auto-intitulam *thugs* porque ser *thug* é estar na moda. Para eles, os novos elementos dos grupos desprezavam o verdadeiro significado da palavra e da vivência subjacente à mesma, porque não a conheciam. Ouviam Tupac cantar *thug life* mas, como não percebiam o Inglês, não entendiam o real significado do código comunitário dos grupos, expresso nas letras, o que os levava a achar que a expressão significava apenas *bang bang*³¹. A ideia passada às crianças, aos jovens dos bairros e à sociedade em geral era a de que para se ser *thug* basta vestir roupas largas, meter uma arma de fogo nas calças, uma faca no bolso e ir gingando (Lima, 2010). Alguns jovens presos com os quais tivemos a oportunidade de falar reiteraram esse pensamento, argumentando que ser *thug* é saber sobreviver nas ruas, no meio das adversidades e não vangloriar o porte de armas ou as conquistas femininas. Para esses, o código é claro. A mãe que diariamente sofre para pôr um prato de comida na mesa não é inimiga. Os inimigos estão bem identificados. São eles os políticos e as suas promessas irrealizáveis em tempo de campanhas eleitorais, as forças policiais que não passam de “pau mandado” do sistema e os ricos egoístas que exploram o cidadão trabalhador. Ser *thug* não é moda é sobrevivência. Para os *rappers* que se definem como *thugs*, isso significa ser livre e poeta, devendo fazer uso da violência só quando necessário for.

Logo no início da investigação etnográfica realizada sobre os grupos de jovens delinquentes na Cidade da Praia, entre os anos 2006 e 2009, identificámos grupos de crianças que dominamos grupos *kasubodi*³² por terem como principais actividades os roubos, os furtos e os assaltos. Na maioria das vezes, o lucro destas actividades revertia para a compra de armas de fogo que serviam, por um lado, de protecção contra indivíduos mais velhos ou grupos *thugs* rivais dos grupos da comunidade onde estão inseridos e, por outro lado, para a compra de álcool e droga, muito apreciados na

³¹ Violência gratuita, sem nenhuma causa.

³² As idades dos membros desses grupos situavam-se entre os 12 e os 15 anos, e os mais velhos, por serem normalmente fisicamente mais fortes e destemidos, lideravam o grupo.

comunidade *thug* uma vez que funcionavam muitas vezes como anestesia em situações em que tinham de usar a violência.

A maior aspiração dessas crianças era vir a fazer parte dos grupos *thugs*, que como se constatou, funcionavam como academias juvenis de recrutamento de futuros *thugs*. Eram independentes dos grupos *thugs*, apesar de conviverem no dia-a-dia com eles. Quando provassem ser confiáveis e mostrassem ser possuidores de capacidades indispensáveis para o grupo sénior, então eram convidados a associarem-se a estes, mediante um processo de iniciação comandado pelo chefe do grupo. Normalmente, a criança escolhida recebia ordens para assaltar pessoas na rua, liderar um espancamento a determinados indivíduos ou qualquer outro tipo de delinquência como forma de provar vir a ser um bom soldado (Lima, 2010).

Alguns estudiosos que se aventuraram na análise do fenómeno depois de 2007, não conseguiram despir-se das ideias pré-concebidas pela maioria da população, e suportados por perspectivas positivistas desarticuladas do contexto espaço-temporal cabo-verdiano, caíram facilmente no erro de os considerar como grupos *thugs*. É de destacar que pelo facto de nenhum desses estudos³³ se basear no método etnográfico, privilegiando o método extensivo-quantitativo, com pouco tempo de estadia no terreno, quando não enviaram terceiros para a recolha de informações, que depois eram trabalhadas nos gabinetes, corre-se o risco dos resultados saírem enviesados. Também, havia a dificuldade em se chegar aos grupos com elementos mais velhos, tendo em conta que era preciso ter algum tempo para se estabelecer confiança e, por isso, acreditando nos interlocutores nos bairros, eram quase sempre levados aos grupos *kasubodi* que no deslumbre de impressionar o investigador e os habitantes do bairro pela necessidade de uma auto-afirmação, ludibriavam o investigador conforme a sua vontade, fazendo-o acreditar que aquilo que contavam era a vida de um *thug*.

Com a prisão e/ou morte dos primeiros líderes, sobretudo a partir de 2008, desencadeou-se uma espécie de desestruturação grupal, especialmente por falta de referências, o que levou a que muitas crianças – principalmente as que nunca foram aceites pelos grupos seniores – tomassem conta dos grupos ou criassem os seus próprios grupos intitulando-os de *thugs*, tentando reproduzir as acções levadas a cabo por outros.

³³ A maioria dos estudos era realizada por estudantes universitários nas escolas nacionais e estrangeiras. Igualmente, o estudo encomendado pelo Ministério da Justiça aos investigadores Gabriel Fernandes e José Pina Delgado tinha um prazo muito curto o que impedia a estada do investigador durante muito tempo no terreno. Referir a alguns desses estudos

Perseguidos pelo Piquete, Brigada Anti-Crime (BAC) e Polícia Militar (PM) por um lado e, pela comunidade local, cansada de ter de se abrigar em casa à noite devido aos tiroteios constantes, por outro lado, rapidamente perceberam que a moda passou. Com a banalização da violência e os constantes ataques dentro dos bairros, dizer que se é *thug* deixou de constituir admiração e, por essa razão, a expressão passou a ser rejeitada por muitos jovens.

Vestindo a pele de Onfray (2009), arriscamos a afirmar que este período pode ser considerado um tempo intermédio, “o fim de um universo e a dificuldade do advento de outro” (Onfray, 2009: 83). Queremos com isto dizer que com a perda de referência filosófica e ideológica que marcou a geração anterior³⁴, a nova geração³⁵ de delinquentes se depara com uma crise identitária pessoal e grupal³⁶. Há nitidamente uma peleja entre duas visões, no que concerne a realidade social praiense subalternizada: a geração anterior que reivindicava a igualdade social, oportunidades para todos e a liberdade através da violência urbana e a nova geração, mais niilista, seduzida pelo dinheiro fácil, usando qualquer meio necessário para atingir a fama – imitação directa de alguns membros dos grupos dominantes.

Depois de desejarem durante muito tempo fazer parte de um grupo *thug* como forma de afirmação pessoal e social, tendo finalmente lá chegado, sentem um estranho vazio, visto que a conjuntura é outra. Ser *thug* já não suscita admiração e os ídolos já lá não estão. Os *ex-thugs*, seus ícones de admiração no passado, criticam as suas acções e duvidam dos seus conhecimentos, relativamente ao real peso que a expressão carregava na primeira metade dos anos 2000. Consequentemente, as jovens do sexo feminino já não se sentem atraídas por delinquentes, devido ao estigma que estes carregam. Consciencializam-se de que ser *thug* pressupõe mais sacrifícios do que mordomias e, por conseguinte, são frequentemente perseguidos pelo trauma de nunca terem sido convidados a associarem-se aos grupos antes dessa referida desestruturação. Por tudo isso, resolvem partir para a violência gratuita ou como lazer, sem um inimigo específico declarado.

³⁴ Consideramos essa geração como a segunda geração de *thugs* surgidos na Cidade da Praia, tendo em conta as suas especificidades. A primeira geração fora os grupos de deportados dos Estados Unidos da América.

³⁵ Consideramos essa nova geração como a quinta geração da delinquência juvenil colectiva surgida na Cidade da Praia, depois dos “netinhos de vovó”, dos “piratinhas”, dos jovens deportados dos Estados Unidos da América e dos *thugs*.

³⁶ Não se vê nesses novos grupos e/ou grupos redefinidos a identidade de resistência (Castells, 2003) característica nos grupos formados pelos jovens deportados dos Estados Unidos da América e nos grupos dos *thugs*.

Por terem características e motivações diferentes dos jovens deportados dos Estados Unidos da América e dos *thugs*, faltando-lhes as cargas filosóficas, ideológicas e políticas patentes nas duas gerações que os antecederam, esses grupos, numa perspectiva sociológica, não devem ser considerados *thugs* salvo se limitarmos apenas ao significado terminológico da palavra, que quer dizer assassino, delinquente ou bandido. Sendo assim, consideramos que, actualmente, os grupos de jovens delinquentes activos na Cidade da Praia se encontram num processo de redefinição. Compete-nos verificar a médio e longo prazo se os grupos se reestruturam com a volta ao convívio social dos líderes presentemente na prisão (que podem querer reaver a posição de chefe quando soltos da prisão) ou se evoluem, adaptando-se a formas de delinquência mais violentas e aprimoradas.

5. Desterritorialização do fenómeno da delinquência para as prisões

A partir do ano 2008, com o aumento das prisões dos membros desses grupos, relatos de confrontos entre grupos rivais dentro da Cadeia São Martinho começaram a fazer-se ouvir³⁷. Os guardas prisionais confirmam as histórias, mas não as dão muita importância. A razão dos confrontos prende-se com o facto de, em muitos casos, todos os membros de um grupo e seus rivais serem presos e colocados num único espaço – o espaço prisional – onde a convivência diária é obrigatória. Desta feita, as inimizades da rua são transportadas para dentro da prisão, fazendo com que os encontros no pátio sejam impossíveis de evitar. Diariamente, os jovens eram presos, grande parte preventivamente, refugiando-se, na prisão, junto dos ex-elementos dos grupos do bairro, reproduzindo assim, no estabelecimento prisional, a realidade vivida nas ruas da cidade. Dos filmes e das músicas *gangsta rap* conheciam a realidade das prisões norte-americanas e tentavam pôr em prática as acções de dominação, a partir da ocupação de espaços.

Acostumados a sobreviver em pequenos espaços devido à característica espacial da Cidade da Praia, típica de uma sociedade pequena e desorganizada, usam o *know-how* aprendido na rua para sobreviverem lá dentro. Convém lembrar que, para além de proteger o seu bairro do ataque de grupos de outros bairros com os quais tinham desentendimentos, tinham também de proteger o seu quarteirão dos grupos rivais do

³⁷ Os guardas relatam confrontos nas imediações da Cadeia entre grupos rivais antes e depois das visitas prisionais.

mesmo bairro. Por conseguinte, a limitação de espaços não constituía, à primeira vista, um problema. No entanto, na prisão quem manda não é o chefe do grupo do bairro, mas sim os guardas prisionais aos quais tinham de se submeter. Estes não passam de polícias, categoria considerada inimiga. Os guardas tendo conhecimento disso - e, nalgumas situações, por vingança em relação a algum episódio tido com determinados grupos fora das paredes prisionais - usam a violência e a humilhação para com os reclusos, revoltando-os ainda mais.

A maioria dos jovens com um passado de violência colectiva com os quais conversámos confirma o tratamento desumano a que são submetidos. O líder de um dos grupos *thugs* da Achadinha Cima, preso no final do ano 2007, depois de libertado, juntou-se a outro ex-preso e ex-soldado desse grupo e criaram um grupo *rap* denominado “Enviados Pa Rima”, utilizando o microfone para denunciar as torturas e os maus tratos sofridos na Cadeia São Martinho. Outros ex-presos por delinquência colectiva juvenil desse mesmo bairro têm a pretensão de criar uma associação de ex-*thugs* reclusos, com o objectivo de denunciar o terror por que passaram na prisão, nas mãos dos guardas.

Devido à sobrelotação da Cadeia de São Martinho, o Governo de Cabo Verde decidiu ampliá-la através da construção de um novo edifício com capacidade para 600 reclusos, construção essa terminada no final de 2009 e inaugurada no início de 2010. Os reclusos com idade compreendida entre os 16 e os 21 anos, considerados presos com estatuto especial³⁸, foram transferidos para esse novo espaço. Tendo em conta que os *gangs* juvenis da Cidade da Praia são compostos por jovens da faixa etária entre os 15 e os 25 anos, os grupos ficaram desfalcados. No edifício antigo, destinado aos indivíduos maiores de 21 anos de idade, os confrontos não são usuais, uma vez que, ali a constituição de grupos não é tolerada pelos reclusos mais velhos, como forma de evitar possíveis confrontos. Segundo testemunhos de alguns guardas, há jovens com menos de 21 anos de idade que requerem à Direcção da Cadeia São Martinho a transferência para o edifício dos maiores de 21 anos, por temerem represálias de grupos rivais por acções efectuadas nas ruas.

Através da relação dos reclusos com estatuto especial, facultados pela Direcção Geral dos Serviços Penitenciários e da Reinserção Social (2009), não conseguimos identificar o número de *thugs* presos. Informalmente, nem os próprios funcionários têm essa

³⁸ O decreto-legislativo nº2/2006 que efectiva a implementação do serviço de reinserção social em Cabo Verde estabelece que os jovens com a idade compreendida entre os 16 e os 21 anos devem ser julgados no tribunal comum, mas com estatuto especial.

percepção, mas afirmam que o grosso desses indivíduos entrou entre 2007 e 2008. Os dados do documento acima referido indicam que estavam em reclusão até Dezembro de 2009 na Cadeia São Martinho 135 indivíduos entre os 16 e os 21 anos de idade, dos quais 21 por homicídio, 2 por tentativa de homicídio e 12 por assalto à mão armada. Baseando-nos no pressuposto de que os homicídios e os assaltos à mão armada³⁹ são actividades em que os *thugs* estão frequentemente envolvidos e reconhecendo alguns nomes da lista como sendo de membros desses *gangs*, estimamos que entre 20 a 30 desses reclusos são membros desse tipo de grupos. É de sublinhar que a maioria dos reclusos com o estatuto espacial foi condenado ou espera uma condenação por roubo, tipo de actividade criminosa normalmente atribuída às “crianças de rua”⁴⁰ e toxicodependentes.

Os restantes, a maioria, encontram-se no edifício destinado aos reclusos com mais de 21 anos de idade. Na falta de dados sobre os jovens com idade compreendida entre 22 a 25 anos, não temos a possibilidade de definir o número de membros de *thugs* encarcerados. As informações recolhidas apontam para o facto de na secção prisional destinada aos prisioneiros com mais de 21 anos de idade se encontrar a maior parte desses indivíduos.

6. Construção da agenda política da violência urbana

Em 2006, com o aumento de insegurança na Cidade da Praia, fruto em parte da acção dos *thugs*, viu-se a necessidade de se fazer uma análise do quadro legal existente, no que respeita à intervenção tutelar educativa e à execução da pena. Dessa reflexão surgiu em Novembro de 2006 o decreto-legislativo nº 2/2006 que efectivava a implementação do serviço de reinserção social em Cabo Verde que, de forma abrangente, tem por finalidades a prossecução de políticas públicas de reinserção social, visando a prevenção e repressão da delinquência juvenil; a intervenção em meio prisional e na comunidade; e o acompanhamento da liberdade condicional, bem como a implementação e a execução

³⁹ Os assaltos eram uma fonte de financiamento para a sobrevivência financeira do grupo. É de salientar que alguns elementos dos grupos assaltam individualmente ou acompanhados de um ou dois amigos próximos com a finalidade de comprarem armas de fogo, visto que a posse dessas armas, mais potentes, pode resultar na subida de posto dentro do grupo. Existem ainda toxicodependentes dentro dos grupos que assaltam individualmente para satisfazer o vício. Todavia, quando o líder não tem conhecimento ou não autoriza essa prática, o seu praticante poderá sofrer consequências por ter exposto o grupo em demasia.

⁴⁰ A partir de 2008, as “crianças de rua” maiores de 16 anos foram julgadas e condenadas, eliminando judicialmente um problema praiense que as entidades públicas não conseguiram dar resposta através de políticas públicas inclusivas.

de penas alternativas à prisão. Foi também criado o Centro Reedutivo Orlando Pantera para onde as crianças prevaricadoras (crianças em conflito com a lei) eram enviadas. Deixou-se de considerar pré-delinquentes os indivíduos com idade superior a 12 anos. A partir dos 12 anos até aos 16 anos as crianças que cometem crimes são consideradas delinquentes e estão sujeitas a medidas tutelares socioeducativas que vão de simples coação verbal a penas de internamento no referido Centro, conforme a gravidade e a natureza do acto. Dos 16 aos 21 anos o jovem que prevarica é julgado no tribunal comum, todavia gozando de um estatuto especial.

A violência urbana juvenil colectiva na Cidade da Praia estava assim constituída como um problema social. Os sociólogos geralmente consideram um problema social quando uma alegada situação se torna incompatível com os valores de um significativo número de pessoas que concordam com o facto das acções governamentais serem necessárias para alterar a situação (Rubington e Weinberg, 2010). No caso praiense, as execuções⁴¹, os assaltos à mão armada e os confrontos entre os grupos rivais em quase todos os bairros da cidade preocupavam a população desencadeando várias reportagens nas rádios, televisões e jornais versão papel e *online* dando conta desse fenómeno. Essa situação era tida como um atentado ao bem-estar social e deitava por terra o tão propalado país da “morabeza”⁴². Muitas associações e ONG mostravam-se indignadas com o problema e várias vezes se levou a questão ao parlamento, onde a violência urbana era usada como arma de arremesso político de ambos os lados, na tentativa de buscar culpados pela conjuntura que se vivia. Perante isto, decretou-se tolerância zero ao crime, principalmente ao crime associado a grupos juvenis, reestruturando a polícia e elaborando o documento anteriormente referido.

Com o aumento da repressão, das prisões e das mortes resultantes do confronto entre grupos rivais e contra a polícia, muitos jovens deixam os grupos e tentam consciencializar os mais novos a seguirem outros caminhos. Ficou a impressão de que se conseguiu controlar a situação, porém, os vários episódios violentos ocorridos entre Novembro de 2009 a Janeiro de 2010 na Cidade da Praia e também no Mindelo, provaram que apostar em políticas repressivas não acompanhadas de políticas públicas preventivas para a colmatação desse problema, não trouxe qualquer resultado concreto,

⁴¹ Eram derivadas dos ajustes de contas entre narcotraficantes.

⁴² Entendida como uma categoria cultural essencial para a manutenção da colectividade caboverdiana. É tida como aquilo que melhor caracteriza e identifica o caboverdiano – cordial, hospitaleiro, solidário, urbano, cosmopolita, democrático, etc

uma vez que a violência juvenil colectiva se encontrava num processo de desterritorialização.

Em Cabo Verde, sedimentou-se a prática de ler o social através de óculos positivistas e etnocêntricos. A análise deste fenómeno específico carece de novas perspectivas sociológicas, isto é, de se ler o social sob uma nova prisma que seja capaz de ajudar a descobrir caminhos de acordo com a realidade cabo-verdiana. Torna-se necessário compreender as novas representações do mundo contemporâneo a partir de esquemas inéditos, mesmo que estranhos aos fazedores das políticas públicas.

Contudo, era necessário agendar o fenómeno. Em Março de 2010, numa visita a um dos bairros da capital com inúmeras histórias de violência, José Maria Neves, Primeiro-Ministro de Cabo Verde, disse à televisão pública que para resolver o problema de vez era necessário buscar entender a razão do mesmo, mostrando-se publicamente disponível para um encontro com os *thugs*. Igualmente, agendou um Fórum Nacional de Consenso sobre o Combate à Violência, encomendou um estudo⁴³ à universidade pública para medir a violência em Cabo Verde⁴⁴, anunciou a criação do Ministério da Juventude que antes se encontrava sob a tutela ao Ministério do Desporto. Estava assim construída a agenda política da violência urbana em Cabo Verde.

Para Gerstlé citado por Marôpo (2008: 73), agenda política é “o conjunto de problemas chamados ao debate público, recebendo a intervenção das autoridades políticas legítimas”. Marôpo chama a atenção que, para esse autor, a influência dos *media* é essencial nesse processo. O facto de diariamente as populações serem bombardeadas com novos acontecimentos violentos na televisão, na rádio e nos jornais em forma de reportagens e crónicas, fez com que se pressionasse cada vez mais o poder público, obrigando-o a reagir. A forma como a situação era colocada, como problemática, tinha um peso significativo na sua constituição como agenda política.

⁴³ Em 2008, os investigadores Gabriel Fernandes e José Pina Delgado concluíram um estudo sobre os jovens em conflito com a lei, encomendado pelo Ministério da Justiça, através da Direcção de Reinserção Social, com o objectivo de fornecer os parâmetros para a inteligibilidade do fenómeno da delinquência juvenil em Cabo Verde, explicitando os factores que lhes estão subjacentes, bem como a caracterização do quadro actual.

⁴⁴ O estudo encomendado 2 anos antes pelo Ministério da Justiça tinha informações que serviam para medir a violência nas ilhas, o que prova a desarticulação institucional em Cabo Verde. Outro estudo existente é o de Ames, Barry et al. 2003. *Democracy, Market Reform and Social Peace in Cape Verde - A comparative series of national public attitude surveys on democracy, markets and civil society in Africa*, Afrobarometer Working Papers, nº 25. Cape Town, Legon-Accra and East Lansing, Michigan.

Segundo Cobb *et al* (cit in Marôpo, 2008), o processo de construção da agenda pode dar-se de diferentes modos⁴⁵. No caso específico da delinquência juvenil colectiva na Cidade da Praia, pode dizer-se que essa agenda partiu de uma iniciativa exterior, uma vez que nasce em grupos associativos e ONG, incorporados depois na agenda formal do Governo.

A incorporação da violência juvenil urbana colectiva na agenda política, não obstante ter desencadeado acirradas discussões académicas nas várias universidades cabo-verdianas, escolas secundárias e fóruns associativos, na prática, a nível político, ficou ao nível do discurso. As medidas repressivas intensificaram-se, baseadas numa visão patológica do social, pondo ênfase nas questões morais, tomando os possíveis delinquentes como doentes e seu *habitat* social como espaços de propagação do mal⁴⁶. As instituições cabo-verdianas, públicas e privadas, e os estudiosos das questões sociais, ao acusarem a família de ter falhado na socialização dos jovens, não tendo sabido transmitir as normas morais ou os valores essenciais de cariz judaico-cristão, está-se a descurar as causas estruturais que podem estar na origem do problema e a desculpar as instituições públicas por não saberem dar uma resposta cabal ao fenómeno.

Convém salientar que, fora da esfera política, algumas associações e/ou grupos informais, sabendo da função de contrapeso ao poder estatal que a sociedade civil deve desempenhar, mobilizaram recursos, buscando uma solução que amortecesse o problema. Dentre eles destacaram as acções do grupo Djuntarti na realização de um festival de *hip hop* denominado Hip Hop Konsienti, visando a consciencialização dos grupos *rappers* da sua capacidade de influenciar a juventude cabo-verdiana para o bem e para o mal e a Associação das Crianças Desfavorecidas (ACRIDES) com acções inclusivas junto dos jovens membros de *gangs* juvenis da Achada Grande Trás⁴⁷.

⁴⁵ Três modelos são apontados. O modelo de mobilização, o modelo de iniciativa interior e o modelo de iniciativa exterior.

⁴⁶ Um mês depois da violência juvenil urbana colectiva ter entrado na agenda política, as forças policiais – civis e militares – sob a supervisão do Ministro da Administração Interna, Lívio Lopes, desencadearam uma operação policial gigantesca na Cidade da Praia denominada “ratoeira”, que consistia em rusgas espontâneas e prolongadas nos bairros periféricos e policiamento de proximidade ou protecção nos bairros centrais.

⁴⁷ Nesse bairro existem 8 grupos juvenis, directa ou indirectamente, ligados à delinquência, formados a partir de grupos *rappers*. O bairro está dividido em 3 zonas – Bairro, Marrocos e Achada Baixo – e normalmente as “guerras” urbanas eram travadas entre estas zonas e contra bairros próximos como Achada Grande Frente e Lém Ferreira. No Bairro, zona central, existem 5 grupos, The Wolf Gang, Bagdah, Lost, T-Boston e Detroid. Em Marrocos existem 2 grupos, Primeira Classe (constituído por

Notas finais

Ao contrário do que se propala no seio da comunidade intelectual e académica cabo-verdiana, a delinquência juvenil colectiva e/ou a violência urbana não é uma novidade em Cabo Verde.

Numa abordagem diacrónica do fenómeno constata-se que, já nos finais dos anos de 1980, existiam grupos de crianças e jovens especialistas em actos delinquentes. Se num primeiro momento a associação de crianças e jovens em grupos não era prática constante, com a agudização da desigualdade social em Cabo Verde, os jovens desafiados residentes em bairros estigmatizados, utilizaram a estratégia de associação grupal como forma de sobrevivência, estabelecendo objectivos concretos e identificando aqueles que consideram ser os responsáveis pela sua situação social, como inimigos.

É de notar que os jovens deportados dos Estados Unidos da América são os pais ideológicos daquilo que mais tarde veio a despoletar-se como o movimento *thug*. A situação social precária por eles experimentada, numa sociedade onde o sucesso é sinónimo de riqueza e não tendo os meios para lá chegarem, leva-os a aproveitar as margens deixadas pelo sistema, fazendo uso das artes apreendidas em outros contextos através das histórias contadas pelos jovens exilados, nos filmes brasileiros e norte-americanos e nos *clips* e músicas de *hip hop* para alcançarem os seus intentos.

Com o aumento da repressão, a prisão dos líderes, as mortes dos membros dos grupos e a reprovação social desses actos, assiste-se a uma clara desestruturação dos grupos, dando assim espaço de liderança às crianças, anteriormente pertencentes a grupos *kasubodi*, que por uma precipitação da comunicação social, de alguns estudiosos e da população em geral, foram declarados *thugs* sem o serem na verdade. Ao contrário da geração delinquente anterior, esses novos grupos reinventam-se longe da ideologia *thug life* apropriada ao movimento criado nos Estados Unidos da América por Tupac Shakur e adaptado ao contexto praiense com novos símbolos e significados, embora conservando a filosofia e as práticas originais.

Verifica-se que os grupos *thugs* surgidos no início dos anos 2000, de forma semelhante ao que aconteceu nos Estados Unidos da América, nasceram à volta dos grupos *gangsta rap* do bairro, intensificando, dessa forma, as lutas territoriais historicamente existentes

crianças), constituído por crianças e On Fire. Por fim, na Achada Baixo existe apenas um grupo denominado New Gangster ou New G.

devido aos “bifes” entre *rappers*. A proliferação das armas de fogo – industrial e artesanal – elevaram o nível da violência, uma vez que anteriormente as armas mais utilizadas nos confrontos entre grupos eram pedras, garrafas e, sobretudo, combates corpo-a-corpo.

Evidencia-se uma desterritorialização do fenómeno, transferido para a Cadeia de São Martinho, transportando as desavenças territoriais das ruas para entre os muros de enclausuramento, a partir do reagrupamento dos *thugs* nesse contexto. Num plano mais amplo, verifica-se uma desterritorialização regional da delinquência para outras localidades e ilhas do país, embora nesse caso, seja necessário um estudo mais aprofundado no seio dos grupos, particularmente do Mindelo, Ilha de São Vicente, – palco recente de violentos confrontos grupais – antes que se possa denominá-los *thugs*, com características idênticas às dos grupos verificados na Cidade da Praia.

Bibliografia

Anjos, José Carlos Gomes dos e José Carlos Moniz Varela (2005), *Diagnóstico da situação de vulnerabilidade das crianças em situação de rua face às IST/VIH/SIDA*, Praia, Ministério do Trabalho e Solidariedade/ICM

Araújo, Lídice (2004), “Música, sociabilidade e identidades juvenis: o manguebit no Recife”, em José Machado Pais e Leila Maria Blass (coord.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades*, Lisboa, ICS, pp. 117-143

Becker, H. S., (1985 [1963]), *Outsiders: Études de sociologie de la déviance*, Paris; Éditions A. M. Métailié

Bourgois, Philippe (2001), *En quête de respect: le crack à New York*, Paris, Seuil

Carvalho, Ineida Romi Tavares Varela de e Alcindo José de Sá (2007), “O retorno de emigrantes e o problema de reinserção em Cabo Verde”, *Revista de Geografia. Recife*, nº2, pp. 121-135

Castells, Manuel (2003), *A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume II. O poder da identidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Castel, Robert (2006), “Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social”, em Casimiro Balsa, Lindomar Wessler Boneti e Marc-Henry Soulet (org.), *Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional*, Ijuí e Lisboa, Editora Unijui e CEOS, pp. 63-77

Chefia do Governo (1996), *Programa do II Governo Constitucional da II República*, Praia, Assembleia Nacional de Cabo Verde

Direcção Geral dos Serviços Penitenciários e da Reinserção Social (2009), *Relação dos reclusos com idade compreendida entre os 16 a 21 anos*, Praia, Ministério da Justiça

Fernandes, Gabriel (2008), *Jovens em conflito com a lei*, Praia, Ministério da Justiça

Lima, Redy Wilson (2010), “Thugs: vítimas e/ou agentes da violência?”, Comunicação apresentada no *Colóquio Segurança e Violência em Cabo Verde*, Universidade de Santiago, 21-22 de Abril

Lima, Redy Wilson (2008), “Histórias de crianças de rua na Cidade da Praia,”, Comunicação apresentada no *Seminário Na rua ninguém manda! Histórias de crianças de rua em Cabo Verde*, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 29 de Janeiro

Lopes de Oliveira, Maria Cláudia, Adriana Camilo e Cristina Assunção (2003), “Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças”, *Temas em Psicologia da SBP*, nº 1, pp. 61-75

Marôpo, Lúcia (2008), *A construção da agenda mediática da infância*, Lisboa, Livros Horizonte

Onfray, Michel (2009), *A potência de existir*, Lisboa, Campo da Comunicação

Rodrigues, José Manuel Cavaleiro (1997), *Nós não somos todos iguais: campo social de residência e estratégias de distinção num bairro de realojamento*, Lisboa, ISCTE

Roque, Sílvia e Kátia Cardoso (2008), *Por que Razão os Jovens se Mobilizam...ou Não? Jovens e Violência em Bissau e na Praia*, Yaoundé, Assembleia Geral do CODESRIA

Rubington, Earl e Martin S. Weinberg (2010), *The Study of Social Problems: seven perspectives*, 7ª Edição, New York, Oxford University Press

Xiberras, Martine (1993), *As teorias da exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa, Instituto Piaget